

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DA VILA ROCHA, VILA LÂNGARO / RS

Ana Maria Radaelli Da Silva

Boletim Gaúcho de Geografia, 27: 86-97, dez., 2001.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38432/24700>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 2001.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DA VILA ROCHA, VILA LÂNGARO/RS:

estudo preliminar sobre o processo de constituição de um
"novo rural"

Ana Maria Radaelli da Silva*

Resumo

Este texto resulta de uma atividade acadêmica que combinou teoria e prática como forma de aproximação com a realidade concreta que se expressa na Vila Rocha, um híbrido de lugar rural ("fora do chão") e de lugar urbano ("não - lugar" ou "não - urbano").

O estudo em questão teve como objetivo observar e interpretar como se apresentam as formas, os sujeitos e a trajetória socioeconômica da comunidade, originada da saga de uma família, Rocha, que dá identidade à vila. Trata-se de um trabalho que pretendeu interpretar o rural e o urbano para além da tradicional dualidade, no sentido da manifestação de novas relações e da revelação de outras funções que estão se introduzindo no "novo rural". O lugar congrega um modo peculiar de relações sociais e de produção do espaço sob o escopo familiar.

Palavras-chave: relação rural-urbano, relação teoria-prática, "novo rural".

Abstract

This text is the result of an academic activity that had combined theory and practice as a way of approaching the concrete reality expressed at Rocha Village, which is a hybrid of a rural site ("out of the ground") and of an urban site ("not - site" or "not - urban").

The aim of this study was to observe and to comprehend how the forms, the subjects and social-economic course of the community that was originated from

* Professora do curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo, Mestre em Metodologia Aplicada às Geociências pelo IG/Unicamp. E-mail: radaelli@vitoria.upf.tche.br

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	Nº 27	P. 86-97	DEZ. 2001
--------------------------------	--------------	-------	----------	-----------

de Saga of the Rocha Family, which gives identity to the Village, are presented. This work claimed to comprehend both the rural and urban aspects beyond the traditional duality, as a mean of expressing the new relationships and the revealing of the other functions which are being introduced in the "new rural". The site brings together a peculiar way of social relationships and of the production of the space under the familiar scope.

Keywords: rural-urban relation, theory-practice relation, "new rural".

Introdução

O presente estudo resulta do esforço que se vem envidando no sentido de concretizar a relação teoria-prática nas diferentes disciplinas do curso de Geografia como forma de possibilitar uma formação profissional que encaminhe para a análise, a crítica e a proposição de formas de intervenção na realidade, seja como geógrafo, seja como cidadão.

Especificamente na disciplina de Organização do Espaço Rural e Urbano, desenvolvida no nível IV, cujas aulas foram permeadas pelo debate sobre a expressão local das relações entre cidade-campo, os alunos foram desafiados a eleger um lugar no qual pudesse ser aplicada, a título de análise, a tendência de Alentejano (2000) "de considerar que ainda há lugar para o rural como elemento de descrição e explicação da realidade" (p. 102), se bem que com outro significado.

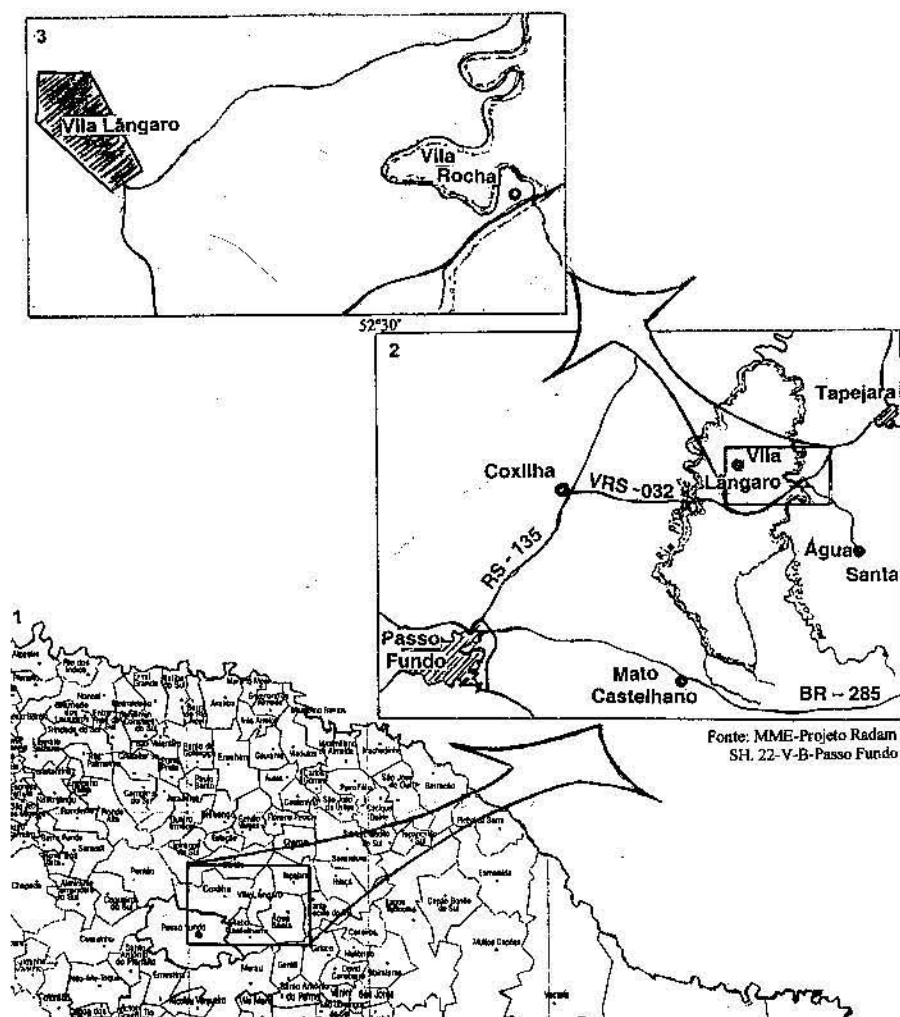
Um texto do referido autor, entre outros, subsidiou teoricamente as aulas e contribuiu para que se passasse a interpretar o rural e o urbano como um *par*, e não como uma *dualidade*, superando-se a visão estereotipada de que o rural permanece natural, essencialmente agrícola, atrasado e subordinado ao urbano, equivocadamente colocado "como o locus por excelência do progresso, da modernização, da indústria e da técnica" (p.102).

Individualmente, cada aluno buscou no lugar em que mora alguma forma de manifestação de novas relações do rural com o urbano, na perspectiva da revelação de quais funções estão se introduzindo na constituição do "novo rural" e do "novo agrícola". A emergência de novas atividades percebidas em Passo Fundo e em outros municípios da região resultou em ensaios produzidos pelos alunos, trabalhos embrionários para aprofundamento em outras disciplinas na continuidade do curso.

Coletivamente, o grupo sentiu-se atraído a buscar dados concretos a partir do relato de uma das alunas² sobre a constituição de um núcleo habitacional em área rural, previamente interpretado como uma nova relação na / com a terra.

² Maria de Lourdes Dias Oliboni é acadêmica do curso, exerce o magistério na E.M. de Ensino Fundamental Rafael Pinto Bandeira, localidade de Colônia Nova, onde estudam as crianças de Vila Rocha. Sua relação com o lugar deve-se ao fato de morar em Vila Lângaro e ser sobrinha de Miro Oliboni, que antecedeu os Rocha na propriedade da terra.

É sobre esse lugar, Vila Rocha, no interior de Vila Lângaro, próximo a Passo Fundo, que se passa a tratar neste trabalho, basicamente sobre as considerações feitas com base no trabalho de campo realizado em 21 de outubro de 2000. Importa salientar que a área em questão fazia parte da Colônia do Rio do Peixe, pertencente ao velho município de Passo Fundo (configuração territorial de 1915). O rio do Peixe ou Piraçucê, conforme o vocabulário indígena, juntamente com o rio Carreteiro delimitam as terras do município de Vila Lângaro, como pode ser percebido na representação na cartográfica que está na sequência.



1 – A Vila Rocha

No cotidiano de quem utiliza a VRS-032 entre Coxilha e Tapejara, no trecho que corresponde ao município de Vila Lângaro,³ no norte gaúcho, um lugar no km 10, à esquerda da estrada, nesse sentido e próximo à ponte do rio Carreteiro,⁴ a visão que se descortina provavelmente não tem um significado para além daquele que foi incorporado pela banalização do conteúdo social da realidade agrária brasileira, cujos cenários e personagens estão politicamente à margem, no caso, à margem da estrada também.

É uma cena que não surpreende, talvez nem mesmo aos seus protagonistas, herdeiros resignados da histórica expropriação da terra que forjou grupos sociais como esse que mereceu nossa atenção.

Mas, para além da aparência com que se manifesta, o lugar é prenhe de significados para aqueles que buscam o conhecimento do entorno e se propõem a explicá-lo, como exercício acadêmico e como compromisso social. Nesse sentido, o lugar é instigador de uma análise da sua expressão espacial, cuja observação e contatos prévios permitem antecipar que a Vila Rocha é uma expansão física baseada em padrões urbanos e que seus sujeitos revelam que aí se deu (e se dá) uma expansão ideológica também inspirada no urbano, apesar de estar encravada entre as cercas das propriedades agrícolas.

O lugar estrutura-se em um pequeno território no qual cada uma das 15 famílias possui um lote de 12x25 metros. A partir da estrada, próxima da qual está a primeira casa, as demais se dispõem lado a lado, à direita do único acesso, uma rua que termina onde está a última casa.

Num primeiro contato com a vila já é possível perceber que a rua se revela como lugar de acesso, como espaço de exteriorização da união/separação engendradas durante o processo de constituição do lugar, bem como forma de dar visibilidade à diferenciação social que se manifesta na forma/ qualidade das casas.

Tanto a primeira como a última constituem-se em exceções no núcleo habitacional. A primeira está construída antes da cerca que indica o início da vila, na área mais próxima à rodovia, e serve de morada para Arlindo Garcia⁵, considerado um "invasor", na verdade um "dessidente" da família Rocha, a qual deu origem ao processo e à denominação do lugar.

³ Vila Lângaro emancipou-se em 1995; o seu perfil populacional é rural, da mesma forma que o seu perfil econômico, que se deve ao que é produzido nas suas 656 propriedades agrícolas, cuja área média é de 27,94 ha, nas quais a soja ainda permanece como principal fonte rentável uma vez que não se apresentam outras alternativas de receita. Antes da emancipação, denominava-se Colônia Lângaro.

⁴ Conforme Zanolla (1994), os carroceiros procedentes das colônias, que se dirigiam a Coxilha ou Passo Fundo, passavam o rio pela água, pois não havia ponte; paravam às suas margens para repousar e fazer suas refeições, cozinhando arroz com charque, "o carreteiro". Para o autor, vem daí o nome do rio e também da localidade.

⁵ Arlindo Garcia é casado com uma filha de Lutz Carlos, o filho viúvo que mora com Dona Isaura; é, portanto, sobrinho neto de dona Virginia.

A última casa faz diferença tanto quanto à origem como quanto às formas de inserção na vila uma vez que o casal que mora nela não tem laços de parentesco com os Rocha.

João e Lucília, os moradores, relataram-nos que o lote de sua casa, apesar de situar-se dentro dos limites da Vila Rocha, foi lhes doado por Sérgio Scariot, para quem trabalhavam; quanto à casa, disse dona Lucília: "Eu juntei 50 reais por mês para comprar o material e o prefeito deu a mão-de-obra". Eles também deixaram muito evidente a sua não-integração com os demais moradores ao dizerem que a deles é "a última casa, abandonada e não sabemos de nada", referindo-se ao que acontece na vila.

A pequena comunidade que constituiu a Vila Rocha está promovendo um processo de transformação no meio rural, um "novo" rural, lugar que tem como função precípua abrigar as pequenas moradias de pessoas que, não tendo terra para plantar, permanecem nela para viver. O lugar congrega um modo peculiar de relações sociais e de produção sob o escopo familiar.

Não há dúvida de que as relações familiares, amistosas ou não, prevalecem como sedimento do processo que se instituiu pela adesão gradativa dos membros da comunidade, produzindo um espaço "não rural" (uma vez que até mesmo a horta só existe num dos lotes), no qual não se configuram organizações no campo da produção, mas apenas sub-relações de trabalho agrícola.

A Vila Rocha pode ser percebida sob o entendimento da interação entre velhas e novas formas e funções espaciais, nas quais são evidentes tanto a diferença entre ter uma propriedade agrícola e ter um lote como as contradições nas relações de trabalho, cujos padrões de vínculo e de valor, subjetivamente, parecem ser compensados pela renda previdenciária, uma nova realidade no rural brasileiro, também incorporada por alguns moradores deste lugar como fonte exclusiva de renda. É o que Alentejano (2000) critica como uma das "formulações neoliberais que preconizam apenas a adoção de medidas compensatórias no enfrentamento das desigualdades sociais e da miséria" (p.101), ao invés de reestruturações mais amplas e radicais para o agrário brasileiro. Entretanto, para Ana Maria da Rocha, uma das moradoras, o governo federal "deu aposentadoria e gosto dele". Mesmo porque, segundo o Tonho, ele [o governo federal] "não aumentou muito o preço dos alimentos, o que já é uma ajuda", uma atitude conformação que está na mesma ótica da compensação.

Tanto nessa percepção mais subjetiva como concretamente, uma constatação se impõe: a Vila Rocha não é um bolsão de miséria tal como se apresentam algumas áreas periféricas urbanas ou rurais. Num primeiro olhar, e por seu conteúdo, a Vila Rocha nos remete também ao que diz Santos (1978):

O espaço dever ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais que estão acontecendo diante de nossos olhos e que se manifestam através de formas e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual (p.122).

É, portanto, um lugar social, peculiar na forma e nas funções, cuja configuração resulta de um processo, de uma história, que é passado-presente na realidade da comunidade que aí fundou seu território.

O conceito de território, visto como *palco*, mas também como *figurante*, tomado como um todo dinâmico, na linha de teorização apontada por Milton Santos e aplicado ao processo de constituição da Vila Rocha, adquire concretude como um recorte, uma parcela que contém as formas-objetos que os Rocha, enquanto sociedade que sucessivamente as “animaram”, transformaram e moldaram ao longo de sua trajetória, que se desenvolve desde o início do século XX, segundo constatações feitas a partir das *Raízes e história de uma Comunidade* (Zanolla, 1994).⁶

2 - A Saga da Família Rocha

Os 78 anos de idade e a história de dona Virginia lhe conferem o papel de matriarca da comunidade. Por seu relato, sobretudo, tornou-se possível iniciar a interpretação do que foi observado pelo grupo e do que foi registrado dos depoimentos de outros moradores.

Pelo que sua memória alcança, conclui-se que o processo em curso não é recente. Em 1949, João Batista da Silva Rocha adquiriu de Miro Oliboni dois alqueires de terra que destinou a seu filho, Artur da Silva Rocha, o qual ali passou a residir e a “cuidar”, juntamente com sua esposa, dona Virginia, primeiros moradores do lugar, portanto.

Aproximadamente um ano depois, a sogra de dona Virginia, em virtude da morte do marido, vendeu a propriedade a Ernesto Scariot, pai de Sérgio. O novo proprietário, “uma pessoa muito generosa”, conforme a depoente, doou uma pequena fração da terra para que os descendentes de João Batista permanecessem

⁶ Trata-se de uma publicação comemorativa aos cinquenta anos da paróquia Santo Antônio, do município de Água Santa, na qual seu autor, pe. Darcy Zanolla, faz um resgate histórico das 25 comunidades que originaram tanto a paróquia quanto o município, cujas origens se fundem com as da Vila Lângaro e, mais especificamente, com as da Vila Rocha, visto que são áreas contíguas.

no lugar. Ao longo do tempo, quando um parente não tinha onde morar, ia construindo nesse terreno e, assim, a vila foi se formando por pessoas que, de alguma forma, são parentes.

A partir do relato de dona Virginia, foi possível mapear a constituição da população da vila, atualmente com 42 pessoas. Entretanto, os Rocha possuem outros parentes que moram em propriedades da região, nas quais exercem trabalhos nas lavouras.

A cada avanço que se dava na interpretação dos dados do trabalho, novas questões foram se apresentando e exigindo a busca de mais informações e de outras fontes, para o que se contou com a colaboração da acadêmica Maria de Lourdes, que, através de Lucas, neto de dona Virginia e seu aluno, esclareceu as dúvidas quanto às relações entre as pessoas da vila. Mas especialmente através do que se descobriu na obra do pe. Darcy é que se esclareceram questões que antecedem o relato de dona Virginia e que remetem ao início do século XX, quando se deram importantes articulações na constituição do território na região, notadamente centrado na área de Água Santa.

Consta que, em 1916, ocorreu a primeira migração e que, em 1920, foi dado início ao processo de loteamento, cuja propagação atraiu grupos de migrantes originários das áreas coloniais antigas, como Veranópolis, Garibaldi e Antônio do Prado, entre outras.

Mas é no relato sobre o processo de formação da Capela de São Miguel, da paróquia Santo Antônio, que se encontram referências aos Rocha. Segundo o autor, é a mais antiga das capelas dessa paróquia e possivelmente da região, formada a partir da colonização em 1915 e situada em terreno doado por Carlos Otto Roehe, grande proprietário (1.050 ha) que morava em Passo Fundo. Na fazenda Santa Rosália, "ele fez um loteamento urbano para formar uma vila. Quando os primeiros colonos entraram aqui, o vizinho mais próximo era Manuel Rocha, distante seis quilômetros, nas terras de Ana Rocha 'Nha Rica', na Sede Rocha, hoje Rio Carreteiro" (p.93).

É nesse lugar, contíguo à capela São Miguel, que foi edificada a capela Nossa Senhora da Conceição, "às margens do rio e da estrada, asfaltada, que vai de Tapejara a Passo Fundo. O terreno é ondulado, formado por belas coxilhas e muito fértil", de acordo com Zanolla, que acrescenta: "todas essas terras, cobertas de matas com pinheiros e madeiras de lei eram propriedade de Ana Teodora Rocha, casada com Diogo Rocha. Ana morava na atual Linha Schleder e, mais tarde, mudou-se para Passo Fundo. Era conhecida como 'Nhá Rica' ou 'Picucha' (p. 97).

"Nhá Rica", entre 1920-22, deu início à formação de um povoado e doou 10.000 m² para a construção da capela, homenageando caboclos e negros ao denominá-la com a santa de sua devoção. O povoado passou a se chamar Sede Rocha e os primeiros moradores eram agregados de Nhá Rica, entre as quais Bino Rocha e Manuel Rocha, chamado também de "Manuel Mulato", irmão de Artur e

marido de dona Sebastiana, hoje viúva, que mora na Vila Rocha.

Apresentam-se à investigação, neste ponto, dois novos aspectos:

a) A Vila Rocha é uma reterritorialização a partir da Sede Rocha?

b) Os descendentes de João Batista da Silva Rocha têm laços de parentesco com Nhá Rica?

São, entretanto, questões para outras abordagens não contempladas no presente texto.

3 – As formas, os sujeitos e a trajetória socioeconômica da comunidade

Neste estudo, conforme foi exposto anteriormente, fez-se a aplicação de um questionário por grupos de alunos a cada uma das famílias, por meio dos quais foram obtidas as informações que possibilitaram caracterizar o *locus social* no qual se manifestam, de forma singular, as práticas sociais, econômicas e culturais que configuram o lugar, fundamentadas num novo paradigma das relações cidade-campo, justificado por novas funções e por novos significados.

Tradicionalmente, a relação cidade-campo poderia supor uma racionalidade marcada pela dependência desse em relação àquela. Porém, os novos paradigmas incluem uma *nova centralidade*, isto é, uma racionalidade que não se dá mais da mesma forma nem se dá igualmente em todos os lugares. Santos (1997) indica que “há espaços marcados pela ciência, pela tecnologia, pela informação”, bem como por uma nova racionalidade/centralidade, “e há outros espaços (...) onde cabem outras formas de expressão que têm sua própria lógica” (p.242), como revelam, por exemplo, a distribuição espacial das casas e o subjetivo de seus moradores em uma das questões sobre as quais se refletiu.

Apesar de supostamente aleatório, o ordenamento das moradias, como que indicando a hierarquia social no território, coloca no começo e na frente da rua as casas dos moradores que se distinguem pela posição histórica ou social que têm no lugar, deixando no final e numa segunda fileira, aos fundos da moradia principal, o espaço para uma nova ordem hierárquica sociofamiliar ou com outra função no lugar. É o que se percebe no caso dos “não - parentes”, dos filhos ou sobrinhos, bem como das “bodegas”.

Sobre essas casas que funcionam como bares foi dito que “quando não tinha era um sossego” porque, representando a unanimidade, acrescentou-se que “a coisa mais ruim que tem aqui é a bebida”. Os que bebem são “os que incomoda, gritam e ninguém dorme”, mesmo porque “querem colocar fogo nas casas e matar as pessoas”. Daí as “encrencas” familiares e os motivos de desarmonia, para alguns.

Entre as coisas ruins do lugar, além do problema do alcoolismo, foram apontadas questões referentes à infra-estrutura, como a falta de calçamento, o que acarreta transitar pela lama quando chove. A chuva também contribuiu para a

desistência de uma tentativa de organizar uma horta comunitária, cujos canteiros foram alagados e as plantas carregadas pela água, fato que levou a que a iniciativa não fosse retomada.

Outro problema refere-se à saúde visto que, não tendo recursos e solução próxima, os moradores da Vila Rocha precisam deslocar-se a outros municípios, nos quais nem sempre lhes é garantido atendimento. Por isso, a sua expectativa é de conseguirem um ambulatório no local, especialmente para as emergências, uma vez que ninguém possui carro e, nos últimos cinco anos, morreram cinco idosos, de causas não conhecidas, além de oito crianças, que morreram de meningite, "pontada" ou "bixas".

No último caso, recorrem à dona Virgínia, que é benzedeira. Esse papel, paralelamente à liderança que exerce, é um gesto simbólico de apoio, mais de solidariedade do que de "cura". É um aspecto que Tedesco (1999), recorrendo a Thompson, assim destaca:

Pessoas experimentam sua experiência como sentimento e, na cultura, lidam com esses sentimentos como normas, como valores e reciprocidades, como obrigações familiares e de parentesco. Dessa maneira, as formas como a experiência trata os momentos cotidianos definem os parâmetros de sua cultura. Cultura e experiência redefinem o camponês; articulam diferentes representações sobre a experiência vivida e se apresentam nas ações da realidade material. (p. 136).

Um parâmetro interessante foi observado quanto ao comportamento político da comunidade, que, inclusive, foi destacado como "as coisas ruins do lugar", isto é, o resultado das eleições municipais de 2000, nas quais o PT reconquistou a prefeitura de Vila Lângaro, sobre cujos dados foi ressaltado que "só teve 3 votos na vila"! Há um consenso de que "a Vila é do MDB" (trata-se do PMDB, dessa forma referido pela maioria), porque "foi o Britto que ajudou dando luz, banheiro, casa".

A questão que surge sobre o do resultado da eleição é que, mesmo pertencendo à Vila Lângaro, a tendência dos moradores da vila é recorrer à Prefeitura de Tapejara, que, por não ser adversária política, representa a possibilidade de conseguirem o auxílio que a comunidade requer para suas necessidades. No seu imaginário, o auxílio que recebem do poder público transforma-se, na verdade, numa atenção "do Britto", personalizando o que é um programa público, que visa contemplar as comunidades mais desassistidas do meio rural, naquele governo denominado de Pró-Rural e, atualmente, o RS-Rural, para o qual são carreados recursos advindos de empréstimos junto ao Banco Mundial.

O lugar, assim, é revelador do papel da própria política que esses admirado-

res do "MDB", alheios a formas de reflexão ou ação social politicamente organizada, mantêm, pelo voto útil, em troca do atendimento às suas demandas por realizações materiais.

No perfil do lugar, distribuído à direita da rua, a única exceção é a construção do salão comunitário, à esquerda, na entrada da vila. Essa construção foi efetivada ainda no ano de 2000 e, mesmo não concluída, atendeu a uma expectativa manifestada por seus moradores, que apontaram a necessidade de um lugar para realizar suas festas e reuniões.

As festas foram destacadas como as coisas boas do lugar, especialmente a de São Sebastião, no dia 20 de janeiro, quando celebram "os inocentes", o que é "a maior alegria". Nesse dia, compram doces e brinquedos para as crianças com recursos que arrecadam na vila e com "os vizinhos ricos que ajudam com comida". A importância da festa supera a falta de um salão comunitário que abrigue mais gente, de tal modo que, para uma delas, dona Virgínia desmanchou as paredes da casa, a fim de nela "poder caber todas as crianças".

Outra festa importante é a de São João, misto de folclore e religiosidade popular.

Predominantemente católicos, os moradores participam das missas na localidade Colônia Nova pelo menos duas vezes por mês, sendo devotos de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora Aparecida. A opção pela Igreja Católica decorre da tradição familiar. Constatou-se também que há um seminarista, oriundo de uma das famílias do lugar, cuja ordem presbiterial deverá ocorrer daqui a quatro anos.

Colocados diante de uma questão quanto às expectativas futuras, eles se dividem: de um lado, há os que não percebem perspectivas no local, ou estão "meio descontente com a vida", como dona Isaura, acreditando que a saída é buscar emprego fora dali, constituindo-se na minoria; de outro, os que têm expectativas no local e colocam-nas no âmbito do atingimento de questões pessoais como a melhora da saúde da filha, que é muito doente, no caso de dona Ana Maria, e do aspecto econômico, pois gostaria de aumentar a casa, para o que pensa "ia pedir ajuda do prefeito de Tapejara porque o MDB em Vila Lângaro perdeu". Dona Lucidia também sonha em arrumar a casa, além de "pegar uma criança para criar".

A expectativa quanto ao futuro, no sentido da melhoria coletiva da comunidade, segundo o Tonho, "seria a construção de uma escola no local (...) teria melhores resultados, pois alunos com dificuldades, entrando aí a questão da idade, não terão condições de acompanhar o ritmo de outro colégio, pois estes precisam de acompanhamento especial". Nessas palavras do líder da vila, fica claro o entendimento de que uma educação centrada na realidade vivenciada por eles e no próprio local poderia dar resultados mais efetivos.

Outra expectativa é quanto ao transporte de passageiros para Vila Lângaro, o que "facilitaria a questão do trabalho e, conseqüentemente, o nível de vida do local".

Já dona Virgínia falou sobre o seu desejo de obterem terras para o plantio e melhorias nas casas. E foi adiante manifestando a expectativa de "que não existisse diferença social entre a comunidade e o município, que a política fosse mais justa para a comunidade" porque sua preocupação é com o futuro das crianças da vila, para que tenham melhores condições no lugar.

Algumas idéias (conclusivas) para sugerir novas (velhas) questões

É inegável que o lugar, os atores, a situação percebida, bem como a análise interpretativa que se seguiu forneceram elementos fundamentais para a concessão do objetivo básico proposto para este trabalho de campo, qual seja, a observação sobre a constituição de um processo de urbanização em área rural, interpretando suas formas, seus sujeitos e sua trajetória como forma de compreender a realidade.

Partindo do pressuposto de que a compreensão da realidade só é possível tendo presente as experiências vividas pelos indivíduos, confirma-se que a realização do trabalho de campo, em geografia, é uma experiência que enriquece na medida em que oportuniza a vivência de situações que conferem aprendizagem pelo contato com outras formas de viver. Portanto, defende-se a realização frequente de trabalhos de campo em todas as disciplinas do curso de geografia como uma das formas para fazer a leitura do espaço geográfico.

Especificamente para a disciplina na qual foi realizado, este estudo contribuiu para que se confirmasse que a Vila Rocha é resultado das transformações indicadas por Alentejano (2000), de que "o rural não deixou nem deixará de existir, apenas teve e está tendo seu significado alterado" (p.102). No caso, alterado em termos da função que exerce, como espaço de vivência de um grupo de pessoas unidas pelas trajetória comum na terra, sem a terra, eventualmente agricultores, quase sempre expectadores e não atores no processo de desenvolvimento-desigual e contraditório do capitalismo no campo.

Apropriando-nos de argumentações de Silva (1991), tratando da questão do modo de produção capitalista e lugar social, temos que o espaço geoeconômico se manifesta como espaço de produção, de troca, de circulação e de consumo, que, a rigor, concentra-se no campo ou na cidade. As relações no espaço geoeconômico são relações de produção e relações sociais.

Para o autor, "esse conjunto de relações sociais define um espaço de relações sociais, fundado na existência do espaço geoeconômico"(p.136). Ora, não sendo possuidora dos meios de produção e sendo eventualmente remunerada

pela força de trabalho, a população se objetiva no conjunto das relações sociais? A Vila Rocha é um lugar social se não se concretiza nela o espaço geoeconômico? É um rural "fora do chão"? É um não-lugar? É um pseudo-urbano?

Não são essas novas questões. São as mesmas velhas questões que se submetem à interpretação teórica pela observação do lugar. Um pressuposto que se coloca, a título de uma conclusão provisória, é que a idéia do território, na Vila Rocha, baseia-se numa identidade diferenciada de territorialidade, centrada na mobilidade, no ir e vir, na não-fixidez, na informalidade ou na subcontratação a domicílio da força de trabalho.

Outra questão, especificamente ligada à idéia de um "novo rural", é que aí não há manifestação, no sentido da emergência de novas formas de ocupação ou de atividades remuneradas; o que é novo, ou fora da concepção tradicional de rural, é a estruturação de um espaço comunitário/familiar não agrícola/ quase urbano, no qual as pessoas gravitam em torno da expectativa de alcançar infraestrutura e benfeitorias públicas que dêem à vila o perfil urbano que passa pela sua subjetividade. Concretamente, é o que apresentam como pleitos comuns junto às lideranças políticas nas quais depositam sua confiança.

Além dessas considerações, reconhece-se que há questões recém-abertas e que merecerão novos esforços de investigação. Entretanto, impõe-se como conclusiva a constatação de que a Vila Rocha é emblemática para um estudo das consequências socioculturais engendradas no processo de configuração do espaço na região, notadamente para decodificar processos de suburbanização, como somos tentados a definir o que caracteriza o lugar.

Quanto aos seus moradores, certamente foram marcados por uma ruptura física com o seu lugar de origem, minimizada pela aproximação familiar no convívio cotidiano, um sinal identificador do lugar de seu destino, a Vila Rocha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENTEJANO, Paulo Roberto R. *O que há de novo no rural brasileiro?* Terra Livre, São Paulo, n. 15, p.87-112, 2000.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- _____. *A natureza do espaço-técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SILVA, Armando Corrêa da. *Geografia e lugar social*. São Paulo: Contexto, 1991.
- TEDESCO, João Carlos. *Pluriatividade: estratégias, alternativas ou fim do campesinato?* Revista de Filosofia e Ciências Humanas, Passo Fundo, ano 15, n.1, 115-138, 1999.
- _____. *Paradigmas do cotidiano*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.
- ZANOLLA, Darcy. *Raízes e história de uma comunidade - Água Santa*. Passo Fundo: Edupf, 1994.